



**IRMANDADE DE MISERICÓRDIA DE CAMPINAS**  
SANTA CASA CAMPINAS - HOSPITAL IRMÃOS PENTEADO

Campinas, 14 de abril de 2021.

**OFÍCIO PROVIDORIA Nº 011/2021**

**Prezados (as),**

Servimo-nos do presente para lhe encaminhar a anexa importante matéria veiculada no dia 11/04/2021, pelo jornal *Correio Popular*, de Campinas, a qual reporta os diversos desafios das Instituições de Saúde, perante a gravidade da situação sanitária em nossa região.

Sendo o que há para o momento, valemo-nos do ensejo pra reiterar nossos votos da mais alta estima e distinta consideração

Respeitosamente,



MURILLO ANTONIO MORAES DE ALMEIDA

PROVEDOR

**Irmandade de Misericórdia de Campinas**  
**Hospital Irmãos Penteado / Santa Casa de Campinas**



Diogo Zacarias



Kamá Ribeiro



Provedor da Santa Casa de Misericórdia, o médico Murillo Antônio Moraes de Almeida combate o negacionismo e a “politicagem” e defende investir em vacinas e acreditar na ciência.



Fachada da capela da Santa Casa de Misericórdia de Campinas e, ao fundo, o hospital que se apoia em uma rede de solidariedade que cresceu durante a pandemia

## ‘Sem vacinas e ciência, futuro da pandemia é imponderável’

Provedor da Santa Casa alerta que sem medicação nos hospitais, pacientes podem morrer

Depois de alertar os governantes que sem lockdown o caos hospitalar seria inevitável, em matéria publicada no **Correio Popular** em 23 de fevereiro, o provedor da Santa Casa de

Campinas, Murillo de Almeida, voltou a se manifestar, desta vez contra a falta de vacinas e o desprezo pela ciência. Em entrevista exclusiva, o médico adverte que se esta situação caótica

persistir, o futuro da pandemia é imponderável. A falta de fármacos para sedação e intubação é uma das principais preocupações do provedor. “Se continuar assim, vai morrer gente

por falta de medicação”, alerta. Sem dinheiro para comprar uma aspirina, o médico conta como fez para montar uma UTI com 11 leitos em apenas dez dias.

PÁGINAS A5 E A6



O Correio Popular presta homenagem aos profissionais da Saúde

SUPLEMENTO

### editorial

Na dor, surge uma onda de solidariedade

Quem são os verdadeiros heróis de guerra? Não, não são soldados, generais ou fardados de qualquer patente. São os profissionais da saúde que trabalham nos hospitais de campanha, salvando vidas. Na Segunda Guerra Mundial, as enfermeiras eram essenciais.

PÁGINA A3

## EDITORIAL

# Na dor, surge uma onda de solidariedade

Quem são os verdadeiros heróis de guerra? Não, não são soldados, generais ou fardados de qualquer patente. São os profissionais da saúde que trabalham nos hospitais de campanha, salvando vidas. Na Segunda Guerra Mundial, as enfermeiras eram essenciais. Tanto que os jornais americanos publicavam anúncios para recrutar mais profissionais da área.

Um anúncio veiculado em 7 de março de 1945 no jornal The Telegraph Herald dizia o seguinte: "Pergunte a qualquer soldado ferido o que uma enfermeira significa

para ele. Ela é a igreja do domingo, um jantar em família, uma carta de casa, os dedos que acalmam, uma mãe".

Hoje também vivemos uma guerra mundial, mas o inimigo não usa farda, não tem armas, aviões ou submarinos. É um inimigo difícil de combater, é invisível, implacável e impessoal. É um patógeno: a covid-19 que está muito próxima de atingir a marca de 350 mil mortes no País.

Na edição de hoje, publicamos uma entrevista densa, um relato humano sobre a batalha contra a covid-19, de um dos mais respeitados gestores de hospitais de Campinas, o médico urologista Murillo Antônio Moraes de Almeida, provedor da Santa Casa de Misericórdia de Campinas e do Hospital Irmandade Irmãos Penteados.

Na entrevista, publicada nas páginas 4 e 5 desta edi-

## Na história das hecatombes, surgem os heróis anônimos, anjos que, no meio do caos, emergem iluminados por uma onda de solidariedade

ção, o Dr. Murillo conta como é a batalha diária para manter um hospital filantrópico em meio a um quadro desolador, provocado pela inépcia do governo federal que, lamentavelmente, colocou o Brasil na triste condição de exportador de cepas do coronavírus.

Com o Ministério da Saúde desfigurado, poucas vacinas, falta de medicamentos, oxigênio, sem leitos suficientes, este é um cenário de terra arrasada. Neste contexto, o provedor da Santa Casa revela como resolveu gargalos de falta de respiradores para atender aos milhares de pacientes que procuram o hospital diariamente.

Na história das grandes hecatombes, surgem os heróis anônimos, verdadeiros anjos que, no meio do caos, emergem iluminados por uma onda de solidariedade humana a amenizar o sofrimento alheio. É disto também que trata o Dr. Murillo ao falar do cuidado que os trabalhadores da Santa Casa dispensam às vítimas e seus familiares, diante da elevada perspectiva de perdas humanas, provocadas por esta terrível doença.

Em nome do Dr. Murillo, deixamos aqui o nosso muito obrigado a todos os profissionais da linha de frente de combate à covid-19, verdadeiros heróis de guerra.



A entrevista do provedor da Santa Casa, Murillo Antônio Moraes de Almeida, relaciona-se ao Dia Mundial da Saúde, celebrado na quarta-feira, 7 de abril, e com homenagem do **Correio Popular** aos profissionais da Saúde, em suplemento especial, nesta edição.



**Infelizmente, nós temos uma dicotomia nos poderes no Brasil e uma politicagem na saúde. Temos que fazer uma boa política de saúde, não politicagem. Não posso ter uma divisão das pessoas que falam pelo povo**



Raquel Valli  
raquel.valli@rac.com.br

Se a situação dos hospitais filantrópicos no Brasil já era ruim antes da pandemia da covid-19, o que falar dela agora, depois de um ano de batalha contra a doença? O cenário é de guerra, e, em tempos sombrios, é necessário um esforço extra no combate. Nesse sentido, o médico urologista Murillo Antônio Moraes de Almeida, provedor da Santa Casa de Misericórdia de Campinas e do Hospital Irmandade Irmãos Penteados, tem muito a ensinar. Montou um comitê para combater a covid-19 e não deixou a peteca cair.

"Preso" em casa, ao fazer o trabalho administrativo, não cruzou os braços. Não esmoreceu. Fez lives. Solicitou recursos. Montou uma UTI nova, com mais 17 leitos, em 25 dias, para pacientes do SUS com covid - entre outros feitos. Comprou respiradores feitos em Itajubá (MG), e, para evitar que os equipamentos fossem roubados, como vem sendo amplamente noticiado pela imprensa, chegou até a montar uma estratégia de segurança. Além da carreta, enviou três peruas para buscar os aparelhos, dividindo-os por estradas diferentes. Preveniu o que poderia ter sido um prejuízo de 1 milhão de reais, e, mais do que isso, da falta dos utensílios que poderiam fazer a diferença entre a vida e a morte dos pacientes nos hospitais que dirige.

Em março de 2020, sem dinheiro para comprar uma aspirina, montou uma outra UTI, com 11 leitos em dez dias. Entrou com uma liminar na Justiça alegando necessidade pública, e conseguiu os equipamentos de um instituto de cardiologia que havia falido. Para tanto, não se acovardou, e tomou para si a responsabilidade como fiel depositário dos bens, que somam mais de 1 milhão de reais.

Mesmo antes da pandemia, quando sequer poderia imaginar a tormenta que viria pela frente, passou dois anos visitando parlamentares, inclusive senadores, em busca de recursos financeiros para manter em funcionamento os dois hospitais filantrópicos que gerencia. E o esforço não foi em vão. Quando explodiu a pandemia, as verbas chegaram na hora certa. Um alívio para o caixa dos hospitais, quando todos os recursos possíveis são necessários no combate à covid.

Na última sexta-feira (9), Murillo Almeida visitou o presidente-executivo do grupo RAC, publicador do Correio Popular, Ítalo Hamilton Barioni, na sede do jornal. Além de gestão, explanou, entre outros temas, sobre o caos instaurado na saúde brasileira e de como o País chegou a esse ponto. Confira a entrevista:

#### Quando a pandemia vai acabar?

Ainda é imponderável estimar. Esse vírus vai ficar circulando no mundo inteiro por muito tempo. E nós, no Brasil, infelizmente chegamos nessa sinuca de bico devido à negação, à politicagem, ao não acreditar na ciência, ao não investir em pesquisa. Nós não nos preparamos para essa guerra, que é duradoura. A gente está sendo o laboratório de novas cepas, distribuindo-as para o mundo inteiro. Estamos lidando com uma coisa invisível chamada vírus e uma imponderável chamada dia seguinte, que só Deus sabe o que será porque não temos vacina. Você tem que fazer uma combinação, como uma café com leite, que tem que ser bem dosado. Se eu faço uma restrição e, nesse período eu vacino metade da população, eu paro de circular o vírus. Tenho uma resposta muito boa. Mas, além disso eu tenho que dar de comer, ou dar a possibilidade para que o indivíduo coma, para que ele não morra de fome. Porque se ele não morre do



Fachada da capela da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, um dos principais hospitais filantrópicos do estado: tempos de pandemia

#### ESFORÇO DE GUERRA

# Provedor da Santa Casa monta comitê anti-covid

Médico conta como faz para superar os desafios e enfrentar o caos



O médico Murillo Antônio Moraes de Almeida, provedor da Santa Casa de Campinas: sem dinheiro para comprar uma aspirina, montou uma UTI com 11 leitos em dez dias

vírus, morre de fome.

#### O que deve ser feito agora?

O que é importante neste momento é acreditar na ciência. E precisamos estar bem informados. E essa informação se adquire de que maneira, mais rapidamente? Através da mídia.

A reportagem do Correio, em 23 de fevereiro, "Lockdown ou Caos, adverte o provedor da Santa Casa", teve uma chamada muito importante, mais importante mesmo, de uma importância histórica. Essa chamada balançou os po-

deres Executivo e Legislativo de Campinas, que foi a primeira cidade a fazer as restrições. Depois de Campinas, o governador começou a fazê-las no Estado de São Paulo inteiro. Mas, o primeiro foi o Dário (prefeito de Campinas, Dário Saadi). E eu repliquei aquela reportagem para mais de 300 provedores de Santas Casas. E isso se espalhou como fogo de palha. Foi impressionante. Recebemos elogios, por não sermos alarmistas, mas por retratarmos a realidade. Com isso, também, muitas cidades se mobilizaram e começaram a fazer restrições de movimento. Algu-

mas mais, outras menos. E com resultados muito interessantes, como, por exemplo, o de Araraquara, que há mais de três, quatro dias não tem um óbito.

#### Qual é a responsabilidade política pela crise?

Infelizmente, nós temos uma dicotomia nos poderes no Brasil e uma politicagem na saúde. Temos que fazer uma boa política de saúde, não politicagem. Não posso ter uma divisão das pessoas que falam pelo povo. Tenho que ter credibilidade e passar uma situação de fato, clara para todos, e ter o mesmo discurso para todo mundo. Nosso presidente foi eleito com mais de 50 milhões de votos, mas ele fala contra a ciência. E, com isso, as pessoas não bem formadas ficam na dúvida sobre o que fazer. Exemplo: negam a necessidade de usar máscara. Ainda bem que nós temos o privilégio de estar em uma cidade como Campinas, rica, que dispõe de uma rede hospitalar robusta, que tem faculdades como a Unicamp, a PUC e a São Leopoldo Mandic, que, de alguma maneira, amenizaram a desgraça maior que poderia acontecer no Brasil.

#### Como chegamos a esse caos?

Sofremos um prejuízo pelo negacionismo. E estamos pagando um preço com vidas. Já estamos chegando a 400 mil mortos no Brasil. Se tivéssemos tido antes a compreensão, o discernimento, se não se fizesse politicagem na saúde, se tivéssemos mantido a estrutura de grandes cientistas um ano atrás. Não se constrói nada sem alicerce, e o nosso foi destruído. E estamos correndo atrás do prejuízo. Se está chovendo, você precisa de um guarda-chuva, mas nós estamos sendo molhados com sangue, suor e lágrimas. E eu digo, com muita tristeza, que se nós tivéssemos tido mais recursos, poderíamos ter salvo mais vidas. Eu me entristeci com isso.

CONTINUA NA PÁGINA A5



Funcionários da linha de frente de combate à covid-19 na Santa Casa: preocupação constante com saúde psicológica e física do corpo clínico

# ‘Hospitais carecem de medicamentos para sedação e intubação’

Murillo Almeida auxilia na cooperação entre hospitais



O grande drama nos hospitais reside na falta de medicamentos para sedação e intubação. Material é para três dias

## Por que a doença se agravou?

As novas cepas agravaram o quadro. A primeira, sem as mutações, tinha uma certa gravidade. O indivíduo ficava na enfermaria, em média, de quatro dias e meio a cinco dias. Quando ia para UTI ficava cerca de 12 dias. Agora, fica de 22 a 23 dias, quase um mês inteiro. E isso estrangulou o sistema de uma vez, tanto é que começou a faltar tudo. Chegamos a ter em Campinas mais de 150 pessoas em filas para vagas, tanto de UTI quanto de enfermaria. E foi providencial a atitude do governo municipal em fazer a restrição.

Nós temos que fazer lockdown, mas como vamos fazê-lo? 43% da população brasileira não têm rede de esgoto. Estamos falando de mais de 80 milhões de brasileiros. E 20% não têm água. Vão lavar as mãos onde? Vão se higienizar de que maneira? E se precisa ficar isolado, tem que ter condições de se sustentar porque do contrário o indivíduo morre de fome.

## Qual é a maior dificuldade enfrentada pelos hospitais hoje?

A falta de medicamentos para intubação e para sedação. A gente trabalha com material para três dias porque não tem para comprar. E não é porque não estão fabricando. É porque as fábricas, mesmo que produzam 24 horas, não dão conta dessa pandemia, dessa parafernalha que se tornou o Brasil. A velocidade da transmissão do vírus é muito maior do que a das fábricas e do que a da criação de leitos. Mas, o nosso comitê tem trabalhado muito enfaticamente para amenizar, não resolver, essa situação periclitante.

## Há cooperação entre os hospitais?

Antes da pandemia, criamos a associação dos hospitais de Campinas e da região metropolitana. Estávamos discutindo o nosso estatuto, mas a pandemia veio e (a parte administrativa) parou. Mas, com esse grupo, criamos um relacionamento muito maior, e obtivemos ajuda. A Unicamp, nessa onda mais grave, nos emprestou respiradores. Quando está faltando algum medicamento, a gente empresta, e a gente recebe emprestado também. Há uma união muito forte dos hospitais hoje em Campinas. A Rede Mario Gatti, por exemplo, está ajudando na compra de materiais e de medicamentos porque, como eles compram muito, têm muita persuasão nas negociações.

## Qual a situação psicológica dos profissionais de saúde hoje, depois de um ano de pandemia?

O profissional de saúde está cansado, esgotado, e daí vem transtornos psicológicos, depressão, ansiedade, angústia e suicídio. Um ambiente complicadíssimo porque o indivíduo está indo para uma batalha vendo que a guerra está sendo perdida. Estamos vendo a morte pelo descaso. Médicos vieram a falecer. Os nossos fisioterapeutas, quase todos pegaram covid. E vc não tinha no mercado de trabalho profissionais gabaritados para substituição. Um horror. A gente faz um trabalho muito interessante valorizando esse pessoal. O que você imaginar para o nosso grupo de trabalho nós fizemos. Inclusive dar estabilidade financeira para eles. Amparamos em todos os sentidos. Não faltou absolutamente nada. Fiz o que foi possível. Um trabalho insano.

## O que está sendo feito para minimizar o desgaste psicológico do corpo clínico?

A Federação das Santas Casas e Hospitais Beneficentes do Estado de São Paulo (Fehosp) montou protocolos justamente para trabalhar com isso: ajudar na sustentabilidade do psicológico, e nós temos uma equipe

multidisciplinar para isso. E eu acredito que essa questão está mais amena em Campinas porque, pelo dissídio coletivo, os trabalhadores de saúde dos hospitais têm plano de saúde. Mas, mesmo assim, eu posso citar situações pontuais de desequilíbrio completo. Quem não tem problema em casa e no trabalho? Se o indivíduo não tiver a mínima estrutura, ele cai. O pessoal está muito cansado e abalado, mesmo com toda essa estrutura de suporte. Tem suicídio. Tem tudo que você imagina. E vai ficar cicatriz. Uma coisa é você tratar um paciente que passou por uma cirurgia e vai para casa bem. Isso é uma felicidade tanto para o paciente quanto para o médico. Agora, você está ali vendo um paciente que está mais ou menos, que melhora, piora, melhora, piora e que acaba morrendo na sua mão. São dezenas, centenas de casos. E isso todos os dias. O indivíduo fica estraçalhado psicologicamente, mesmo achando que está bem. Não tem como ser diferente.

## Quando a covid-19 será superada?

Na primeira onda, praticamente se desconhecia essa doença, que só vai ser bem conhecida daqui a 5, 10, 15, 20 anos. No futuro saberemos o que fizemos de certo e de errado. Isso é a história da medicina. Vamos ter problemas com algumas vacinas? Sim, mesmo com todos os estudos e investindo bilhões e bilhões de dólares em pesquisa. Porque as vacinas contra covid foram desenvolvidas em tempo recorde. A gente ainda tem que passar um período para saber, por

exemplo, se o indivíduo que ficou com aquela, seja ela qual seja, ou se ele irá se recuperar. Será que quem tomou a vacina terá que tomá-la todo ano, a cada 5, 10, 15 anos? Também não sabemos ainda, porque a medi-



Profissionais da Saúde sofrem. O indivíduo fica estraçalhado psicologicamente, mesmo achando que está bem.



cina tem o seu próprio tempo.

## Como andam os custos dos hospitais?

Um leito de UTI custa perto de 4 mil reais por dia, em média. A Santa Casa é isenta de alguns impostos, o que ameniza o custo. Por isso, um indivíduo nos custa cerca de R\$ 3.450, mas a conta não fecha porque recebemos R\$ 2.700 de repasse do SUS, que há 15 anos não reajusta os preços dos procedimentos. Mas, Campinas respondeu a essa situação humanitária. E isso me sensibilizou muito. Sou muito grato como gestor ao cidadão e ao empresário campineiros porque eles responderam firmemente ao chamado que nos fizemos. Conseguimos, por exemplo, mais de 2 milhões para ampliar a UTI. A nova ala recebeu o nome de solidariedade.

## Há empresas tirando proveito da situação durante a pandemia?

Uma ampola do (sedativo) midazolam, que custava 14 reais, está sendo vendida por 70. Uma de morfina, que custava R\$ 5,30, está saindo por 25 reais. E só de morfina usamos 800 por dia. Por isso, fizemos um manifesto e enviamos ao Ministério Público para que os preços sejam vigiados. É uma exploração, um descaso com a humanidade, com o ser humano. E se continuar assim, não adianta internar paciente porque não haverá medicação para dar. Vai morrer gente por falta de medicação.

Kamá Ribeiro



O provedor da Santa Casa: avesso ao negacionismo e à politicagem; a favor da ciência



O pessoal está muito cansado e abalado, mesmo com toda essa estrutura de suporte.

